

“A SENHORA TÁ TOTALMENTE DESCONTROLADA”: AS AVALIAÇÕES DA IMPOLIDEZ NO CASO DE MACHISMO NA CPI DA PANDEMIA NO BRASIL

“MA’AM, YOU’RE COMPLETELY OUT OF CONTROL”: EVALUATIONS OF IMPOLITENESS IN THE CASE OF SEXISM IN THE CPI OF PANDEMIC IN BRAZIL

Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)¹
Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes (UFPE)²

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a variação das avaliações da impolidez no caso de uma interação na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia e apontar que fatores influenciam reações diferentes de um mesmo caso. Como fundamentação teórica, utilizamos os estudos discursivos da impolidez para compreender como diferentes interactantes avaliam uma situação de machismo. Para tanto, empreendemos uma análise discursiva da sessão da CPI e dos comentários dos internautas sobre o caso em uma postagem no *YouTube*. Os resultados revelaram que as diferentes avaliações são fruto de processos de compreensão ativa que ora enfatizam, ora silenciam o histórico discurso de deslegitimação das mulheres em espaços de poder.

Palavras-chave: impolidez; Comissão Parlamentar de Inquérito; pandemia; machismo

Abstract: This article aims to analyze the variation of evaluations of impoliteness in the case of an interaction at the Parliamentary Commission of Inquiry (CPI) of Pandemic in Brazil, and to show which factors affect the different reactions to the same case. We draw on discursive studies of impoliteness to understand how different interactants evaluate a situation that involves sexism. Therefore, we analyzed discursively the CPI session itself and some comments on a YouTube post about the case. The results show the different evaluations are generated by active comprehension processes that either emphasize or silence historical discourses that illegitimate women's participation in spaces of power.

Keywords: impoliteness; Parliamentary Commission of Inquiry; pandemic; sexism

Introdução

A impolidez é conceituada de maneiras diferentes nos diversos campos dos Estudos da Linguagem. No entanto, Culpeper e Hardaker (2017, p. 200) ressaltam que todas essas definições parecem concordar que a impolidez ocorre quando pelo menos um dos participantes de uma interação experiencia emoções negativas, como raiva, incômodo, desconforto, vergonha etc. Assim, uma das tarefas dos estudos da impolidez é identificar como os interactantes avaliam determinados discursos, comportamentos ou atitudes como impolidas.

Decerto, essa não é uma tarefa simples. Primeiramente, há que se considerar a diversidade de termos utilizados para classificar comportamentos como impolidos, pois diferentes rótulos -

¹ Doutor em Letras (concentração em Linguística), Professor do Departamento de Letras. E-mail: ricardo.rios@ufpe.br

² Doutora em Letras (concentração em Linguística), Professora do Departamento de Letras. E-mail: otavia.ppedrosa@ufpe.br

rude, grosseiro, mal-educado, agressivo - podem ser usados para essa avaliação. Além disso, certamente um mesmo comportamento pode ser classificado como impolido ou não por pessoas diferentes, ou mesmo pelas mesmas pessoas em contextos diferentes.

Assim, estudar a impolidez, a partir da maneira como compreendemos o fenômeno, é interpretar o processo de avaliação da adequação social de comportamentos que podem ser julgados como polidos, impolidos ou outras maneiras semelhantes. Conforme ressalta Spencer-Oatey (2005, p. 97, tradução nossa), "a (im)polidez é o julgamento subjetivo que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos verbais ou não-verbais"³. Nessa esteira, uma das funções deste trabalho é revelar sob que critérios ou bases essas avaliações são realizadas.

Estudos anteriores (BARRETO FILHO, NEVES, BARROS, 2020; BARRETO FILHO, BARROS, 2021) dedicaram-se à análise das identidades sociais políticas como um aspecto importante a ser levado em consideração na análise da impolidez em interações on-line no *Facebook*. Neste trabalho, propomos a análise de uma publicação, no site de redes sociais *YouTube*, composta de um vídeo e seus comentários, para investigar como os processos de compreensão ativa podem influenciar na percepção e configuração da impolidez revelada em uma fala-em-interação na Comissão Parlamentar de Investigação, conhecida como CPI da Pandemia, e nos comentários de usuários do *YouTube* sobre este evento.

Os excertos escolhidos para análise trazem um momento em que um insulto se destacou dentre os inúmeros outros que apareceram na sessão da CPI da publicação analisada. O investigado, Wagner Rosário, então ministro-chefe da Controladoria Geral da União (CGU), disse que a então senadora Simone Tebet estava descontrolada. A atitude do ministro provocou uma grande perturbação na sessão fazendo com que diversos parlamentares reagissem de forma enérgica, provocando inclusive a interrupção dos trabalhos.

Assim, buscamos exibir diferentes reações e avaliações desse mesmo caso tanto dos participantes da interação quanto dos internautas que comentaram a cena no *YouTube*. Partimos do princípio de que as avaliações da impolidez não são neutras, mas influenciadas por questões ideológicas e históricas. Dessa maneira, este trabalho está dividido em mais três seções além da introdução. Há uma seção teórica dedicada ao estudo da impolidez por uma perspectiva discursiva e uma seção de análise, cujo objetivo é apresentar o estudo do caso em tela e, por fim, as considerações finais.

1 As avaliações da impolidez sob uma perspectiva discursiva

Neste trabalho, concentramo-nos nos estudos da impolidez, ou seja, o estudo da linguagem que gera algum tipo de ofensa ou desconforto. No entanto, certamente não se pode desconsiderar a importância dos estudos da polidez nessa discussão. De início, os estudos da linguagem se concentraram apenas na polidez, entendida como o uso da linguagem para evitar conflitos. Nesse contexto, destacaram-se o modelo de Brown e Levinson (1987), certamente um dos mais conhecidos sobre o tema, e os estudos de Leech (1983).

Essas abordagens foram fortemente influenciadas por teorias da Pragmática clássica, como a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962) e as Máximas Conversacionais de Grice (1967). O modelo de Brown e Levinson (1987), particularmente, ainda conta com o conceito de face (GOFFMAN, 1967) como uma das bases para a teoria. A partir da definição desse conceito, os autores apresentam a ideia de que a polidez é a preservação das faces.

De maneira geral, esses estudos tradicionais tratavam a impolidez como um fenômeno incidental que ocorreria quando houvesse falta de polidez. Em outras palavras, a impolidez surgiria

³ Original: I take (im)politeness to be the subjective judgments that people make about the social appropriateness of verbal and non-verbal behavior.

quando não houvesse tentativas dos interlocutores em empregar estratégias de polidez, cujo objetivo seria mitigar ameaças às suas próprias faces e a de seus interlocutores.

Culpeper (1996) apresenta a inovação de pensar a impolidez como um campo de estudo relativamente independente, defendendo que ela é digna do escrutínio científico por apresentar sua própria sistematicidade e configuração. No entanto, o modelo de análise do autor utilizou-se de categorias muito semelhantes àsquelas de Brown e Levinson (1987), apenas vertidas à impolidez. Conforme o próprio autor reconhece mais tarde, “[...] até certo ponto, o modelo desenvolvido aqui [em Culpeper (1996)] é o de ataque à face, o outro lado da moeda do modelo de Brown e Levinson (1987)⁴” (CULPEPER, 2011, p. 7, tradução nossa).

Dentre as diversas críticas direcionadas ao modelo de estudos da polidez e impolidez de Brown e Levinson (1987) e Culpeper (1996) respectivamente, está o fato de que a própria definição de impolidez é problemática. Conforme Culpeper (2011, p. 7) reconhece, em vez de se basear no que as pessoas comuns consideram como impolido, os modelos partem de uma perspectiva preconcebida do que acadêmicos creem ser polido ou não.

Sobre essa questão, dois conceitos de Eelen (2001) são particularmente relevantes de serem considerados: o de avaliatividade e argumentatividade. O autor ressalta que essas são duas características inerentes à (im)polidez. A primeira diz respeito ao processo avaliativo envolvido na análise dos comportamentos. Nessa perspectiva, a (im)polidez não é percebida como um conjunto de estratégias linguístico-discursivas preconcebidas como polidas ou impolidas. A impolidez é um processo avaliativo em que os sujeitos julgam comportamentos (não) verbais como adequados ou não socialmente. Sobre esse aspecto, o autor destaca:

Diariamente, a (im)polidez ocorre nem tanto quando o falante produz o comportamento, mas quando o ouvinte avalia o comportamento [...] a essência da (im)polidez está nesse momento avaliativo. Mesmo que haja ouvintes avaliando falantes, falantes avaliando a si próprios, ou informantes avaliando falantes hipotéticos ou enunciados, esse momento avaliativo sempre estará presente. De fato, na prática, este parece ser o único jeito em que a (im)polidez possa ser estudada. A avaliação é, portanto, a maneira primordial de ser da (im)polidez.⁵(EELLEN, 2001, p. 109, tradução nossa)

Eelen (2001) ainda define outra propriedade da (im)polidez, que é a argumentatividade que quer dizer que as avaliações da (im)polidez não são únicas, elas são na verdade variadas e estão sujeitas a uma disputa discursiva. Não raras vezes, os sujeitos discordam se um comportamento foi de fato impolido ou não. Pessoas diferentes podem compreender um mesmo enunciado como ofensivo ou não. Até mesmo um único interactante pode achar determinado enunciado inadequado em um contexto e adequado em outro. Isso ocorre porque as pessoas avaliam a (im)polidez de maneira distinta em função de questões sócio-históricas. Conforme Haugh (2010) ressalta, há uma variabilidade nas avaliações da impolidez.

Dessa maneira, neste estudo, lançamos mão das discussões acerca do processo de compreensão ativa (VOLÓCHINOV, 2018) e os fatores que influenciam a percepção da (im)polidez (SPENCER-OATEY, 2005; CULPEPER, 2011). Além desses conceitos, utilizamos para essa análise as fórmulas convencionalizadas de impolidez, desenvolvidas por Culpeper (2011) a fim de explorar a função das estruturas linguístico-discursivas para a impolidez.

⁴Original: To an extent, the framework developed here is the face-attack ‘flip-side’ of B&L (1987).

⁵Original: In everyday practice (im)politeness occurs not so much when the speaker produces behaviour but rather when the hearer evaluates that behavior [...] the very essence of (im)politeness lies in this evaluative moment. Whether it involves hearers evaluating speakers, speakers evaluating themselves, or informants evaluating hypothetical speakers or utterances, the evaluative moment is always present. Indeed, in practice it proves to be the only way in which (im)politeness can be studied. Evaluation is thus the basic, primordial mode of being of (im)politeness.

Julgamos que o processo de avaliação, sobre o qual fala Eelen (2001), está associado ao processo que Volóchinov (2018) definiu como compreensão ativa. Becker e Barreto Filho (2022, p. 37) explicam que "[...] a compreensão para os autores [Volóchinov e Bakhtin] se configura como a co-construção de signos ideológicos, como resposta a um signo através do conjunto de signos que compõem o discurso interior, por sujeitos socialmente organizados, situados e engajados na interação". Dessa forma, Volóchinov (2018, p. 181) ainda destaca "[...] nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante." O conceito de compreensão ativa está relacionado a uma atividade de, além de identificar os sentidos dos enunciados, construir outros que lhes reagem e respondem por meio de signos ideológicos em uma cadeia dialógica.

Assim, do ponto de vista da impolidez, a avaliação depende da compreensão ativa do interlocutor. Não raras vezes, vemos situações em que os sujeitos disputam se uma determinada fala foi machista, homofóbica, agressiva ou inadequada. Essas diferentes percepções do discurso do outro estão intimamente relacionadas às relações dialógicas compreendidas pelos interactantes e o seu posicionamento ideológico e apreciativo. Conforme as análises apresentam na seção seguinte, um mesmo enunciado pode provocar determinadas relações dialógicas na compreensão ativa demonstrada nos discursos de alguns, mas podem ser silenciadas nos discursos de outros. Neste trabalho, estamos particularmente interessados em como os sujeitos demonstram compreender determinados insultos e ofensas proferidas na fala-em-interação em análise.

A fim de estudar a avaliação da impolidez nos discursos, é importante não apenas considerar a compreensão ativa nesse processo, mas também os fatores que influenciam a percepção da impolidez. Esse tema foi tratado por Spencer-Oatey (2005) e retomado por Culpeper (2011) em uma discussão especificamente voltada para a impolidez. Diferentemente do modelo de análise de Brown e Levinson (1987) e Culpeper (1996), Spencer-Oatey (2005) não centrou o seu estudo nas estruturas linguísticas que provocam a impolidez. A autora desenvolveu um aparato analítico a partir das bases para a percepção do comportamento (im)polido. Assim, a pergunta guia do seu modelo é por meio de quais critérios os sujeitos avaliam os comportamentos verbais ou não acerca da adequabilidade social.

Spencer-Oatey (2005) se baseia no conceito de *rappport* para explicar as relações entre os sujeitos numa interação. Segundo ela, o *rappport* “[é] a relativa harmonia e suavidade da relação entre as pessoas” (SPENCER-OATEY, 2005 p. 96, tradução nossa), e os sujeitos o gerenciam dinamicamente ao longo das interações. Sua perspectiva ainda sustenta que

as pessoas podem manter tipos de orientações de *rappport* distintos em direção a outras pessoas. Por exemplo, eles podem ter uma orientação de melhoria do *rappport* (um desejo de fortalecer ou melhorar relações harmoniosas entre interlocutores), uma orientação de manutenção do *rappport* (um desejo de manter ou proteger relações harmoniosas entre interlocutores), uma orientação de *rappport* negligente (uma falta de preocupação ou interesse na qualidade das relações, talvez por causa de um foco no indivíduo), ou uma orientação desafiadora do *rappport* (um desejo de desafiar ou prejudicar relações harmoniosas)⁷. (SPENCER-OATEY, 2005 p. 96, tradução nossa)

Dentre esses tipos de *rappport*, destacam-se o negligente e desafiador no âmbito deste artigo já que discutimos sobre a impolidez. A fala-em-interação da CPI se organiza basicamente por meio

⁶Original: [is] the relative harmony and smoothness of relations between people.

⁷Original: people can hold differing types of *rappport* orientations towards each other. For example, they can hold a *rappport*-enhancement orientation (a desire to strengthen or enhance harmonious relations between the interlocutors), a *rappport*-maintenance orientation (a desire to maintain or protect harmonious relations), a *rappport*-neglect orientation (a lack of concern or interest in the quality of relations, perhaps because of a focus on self), or a *rappport* challenge orientation (a desire to challenge or impair harmonious relations)

de um *rapport* desafiador em que adversários políticos procuram ofender seus opositores e colocá-los em posição desfavorável. No entanto, percebe-se na fala-em-interação que há também o *rapport* de melhoria ou manutenção, quando os interactantes colaboram uns com os outros, normalmente quando não há rivalidade política e há o desejo de atacar um outro alvo em comum.

Assim, pode-se concluir que o *rapport* é uma categoria interacional, que vai se modificando a partir do contexto imediato da interação e de relações sócio-históricas entre os interlocutores. Conforme Spencer-Oatey (2005, p. 96, tradução nossa) destaca, “à medida que as pessoas interagem, elas fazem julgamentos dinâmicos de se o seu *rapport* foi melhorado, mantido ou prejudicado⁸”.

Esses julgamentos são informados, de acordo com a autora, por bases que os organizam, como faces e normas sociais. Acerca desses conceitos, neste trabalho, nos concentramos nos tipos de face (SPENCER-OATEY 2002, 2005, 2007), a partir do desenvolvimento empreendido em Culpeper (2011), o qual está focado especificamente na impolidez e ofensa.

As noções de face nos estudos em pragmática remetem principalmente à visão de Goffman (1967, p. 5), que a define como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si por meio da linha que os outros assumem que ela tenha tomado num contato particular. A face é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”. Assim, esta noção está presente em conceitos do senso comum como reputação, autoestima, e prestígio (CULPEPER, 2011 p. 24). Em língua inglesa, o conceito de face está presente na expressão idiomática *to lose face* (perder a face), que se refere a situações em que o indivíduo se sente envergonhado.

Os tipos de face⁹ desenvolvidos por Spencer-Oatey (2002, 2005 e 2007), juntamente com as considerações de Culpeper (2011), são escolhidos para a análise deste artigo justamente porque apresentam uma visão discursiva do conceito, em função da dinâmica no gerenciamento do *rapport*. Culpeper (2011, p. 27, tradução nossa) explica que, para identificarmos se o conceito de face está em jogo numa situação de impolidez, devemos nos perguntar: “a interação evoca uma compreensão de que algo conta como um atributo positivo (ou atributos positivos) que um participante não só reivindica para si, mas que é também presumido pelos outros participantes?¹⁰”

Assim, os autores concordam que nem toda situação de impolidez é provocada por questões relacionadas à face, mas, naquelas situações em que são desafiados atributos positivos reivindicados ou presumidos, a face é uma das bases para a avaliação. Com base nesses pressupostos, Spencer-Oatey (2002) introduz três tipos de face: a face de qualidade, a face da identidade social e a face relacional.

A face de qualidade diz respeito aos atributos positivos individuais que alguém reivindica para si, como competência, boa aparência, habilidades etc. Esses valores individuais estão fortemente ligados à noção de autoestima. Assim, quando uma qualidade individual do indivíduo é desafiada ou colocada à prova, a impolidez pode ser gerada justamente pela desvalorização ou ataque à face de qualidade do sujeito. No caso do contexto de uma CPI, por exemplo, ofensas que questionem a competência de algum parlamentar ou investigado são exemplos de situações de impolidez provocadas com base nesse tipo de face.

A face da identidade social, por outro lado, está relacionada a atributos baseados em grupos aos quais os sujeitos se associam, ou seja, não apenas a atributos individuais, mas ligados a papéis sociais ou identidades sociais. Barreto Filho e Barros (2021) demonstraram que, em interações em sites de redes sociais, esse tipo de face é o que usualmente provoca as situações de conflito, pois

⁸Original: As people interact with each other, they make dynamic judgments as to whether their rapport has been enhanced, maintained or damaged.

⁹O conceito de faces foi intensamente divulgado por meio do notável trabalho de Brown e Levinson (1987), o qual é significativamente diferente da maneira que compreendemos o termo neste trabalho. Para uma revisão histórica e precisa de como o conceito é compreendido, recomendamos O'Driscoll (2017).

¹⁰Original: does the interaction evoke an understanding that something counters a positive attribute (or attributes) which a participant claims not only to have but to be assumed by other participant(s) as having?

os sujeitos muitas vezes precisam “vestir a carapuça” das ofensas que aparecem na rede, sem que necessariamente elas sejam direcionadas especificamente a ela. Na fala-em-interação analisada na próxima seção, há exemplos de insultos considerados machistas que são interpretados na esfera do coletivo e que não atingem apenas uma pessoa, mas todo o grupo ao qual ela se associa.

A face relacional, por sua vez, diz respeito aos atributos positivos reivindicados ou presumidos de alguém acerca do seu relacionamento com os outros, que são conhecidos na relação. Nesse caso, Culpeper (2011), com base em Chen *et. al.* (2006), explica que a face da identidade social representa atributos na relação do sujeito com grupos de pessoas que não necessariamente se conhecem ou se relacionam diretamente. Por outro lado, a face relacional está associada aos atributos positivos envolvidos numa relação de pessoas ou grupo de pessoas que se conhecem e que se relacionam diretamente.

Para diferenciar a face da identidade social da relacional, podemos pensar numa situação de impolidez que envolve um insulto direcionado a uma profissão, como político, senador ou congressista. Nesse caso, a impolidez advém da face da identidade social, pois atinge um grupo social que não necessariamente se conhece e se relaciona. Um enunciado do tipo “todo político é ladrão” afeta potencialmente toda uma classe ou identidade social. Por outro lado, quando um membro de um grupo de amigos sente-se excluído ou destrutado pelos outros membros desse grupo, a face atingida é a relacional, pois o atributo positivo atingido diz respeito à relação entre aqueles membros que são significativos uns para os outros.

No que diz respeito à materialidade linguística para analisar a impolidez, utilizamos as fórmulas convencionalizadas de impolidez propostas por Culpeper (2011, p. 135) e traduzidas no português brasileiro por Barreto Filho (2019, p. 94). Essas fórmulas são expressões linguístico-discursivas que indiciam impolidez em função do seu uso convencional na língua. Para chegar a esse quadro, Culpeper (2011) empreendeu uma pesquisa com grandes *corpora* em língua inglesa. No entanto, conforme ressaltam Culpeper e Hardaker (2017, p. 212), a ocorrência das fórmulas não significa inequivocamente a presença de impolidez, pois nenhuma estrutura linguístico-discursiva é inerentemente impolida. Para estudar a impolidez, é preciso considerar as avaliações dos sujeitos em contextos interacionais situados, o que leva em conta o texto, co-texto e contexto.

2 “A senhora tá totalmente descontrolada”: a análise do bate-boca na CPI da COVID-19

A CPI da Pandemia surge em meio a um momento delicado da política brasileira, pois na época de sua constituição, em abril de 2021, o país já somava mais de 400 mil mortes pela COVID-19, número que escalaria para a casa dos 600 mil em questão de meses e continua a crescer no momento em que este texto é redigido. Apesar dos números assustadores, o governo brasileiro e o ex-presidente Jair Bolsonaro, que governou o Brasil entre 2019 e 2022, ficaram marcados por uma postura negligente frente aos problemas da pandemia, haja vista a demora na aquisição de vacinas, declarações minimizando as mortes e as consequências negativas da pandemia e a distribuição e defesa de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da doença, conhecidos como Kit Covid.

De acordo com o site do Senado Federal (AGÊNCIA SENADO, 2021), a CPI é uma forma do parlamento brasileiro exercer sua função fiscalizadora. O objetivo da comissão é apurar e investigar questões de relevância pública e produzir um relatório dos trabalhos realizados em seu âmbito. No entanto, as CPI não têm o poder de julgar, por isso é vedado à comissão punir, aplicar sanções ou prender investigados, a menos em casos de flagrante delito.

Nesse cenário, uma das atribuições da CPI da Pandemia foi especificamente investigar a postura do governo e de outros órgãos públicos no combate e mitigação dos malefícios causados pela doença. A fala-em-interação trazida para análise ocorreu no dia 21 de setembro de 2021, durante o depoimento do ministro da CGU, Wagner Rosário, na CPI da Pandemia.

Para fins de análise, elegemos um vídeo que mostra um trecho da sessão da CPI do dia 21 de setembro de 2021 no *YouTube*. O vídeo está disponível no canal oficial da CNN Brasil (2021) e foi escolhido porque mostra especificamente o conflito entre a senadora Simone Tebet e o ministro Wagner do Rosário.

O ministro foi convocado à CPI para fornecer esclarecimentos acerca da atuação da CGU em relação às investigações da negociação do Governo Federal com a empresa farmacêutica Precisa Medicamentos, que representava um laboratório indiano produtor das vacinas COVAXIN contra COVID-19. De acordo com denúncias de um parlamentar e um funcionário do Ministério da Saúde brasileiro, havia irregularidades na negociação que indicavam fraude de documentos e superfaturamento na compra das vacinas. Posteriormente, a compra não chegou a ser finalizada, mas houve investigação da CGU e Polícia Federal (PF) a fim de apurar as acusações de irregularidades.

Embora tenha havido uma operação nomeada como Imprecisão para apurar o caso, de acordo com os senadores da CPI, a CGU atuou de maneira inadequada, favorecendo o Governo Federal por meio de uma investigação demasiadamente branda e parcial. Por essa razão, o ministro da CGU foi convocado para fornecer esclarecimentos à CPI. O depoimento foi considerado uma interação conflituosa, marcada por uma linguagem ofensiva e agressiva. Diversos órgãos de imprensa rotularam a interação entre senadores e o ministro como “bate-boca”, “discussão” e “ataque”. A própria rotulação do evento sob esses termos indica a percepção da impolidez, pois revela que a fala-em-interação foi permeada por emoções negativas como raiva, ira e desconforto.

Segundo a tese dos senadores contrários à atuação da CGU, o órgão, sob a liderança do Ministro Wagner Rosário, atuou de maneira subserviente ao governo sem garantir a rigidez na investigação. Durante a fala da Senadora Simone Tebet, ela asseverou que o papel da CGU não fora cumprido e utilizou fórmulas convencionalizadas de impolidez como insultos e pressuposições desagradáveis, conforme verifica-se no Excerto 1¹¹.

Excerto 1

- 18 Sim: ao invés de de estar na cabeça da cgu uma suspeita que foi denunciada e estava sendo
 19 denunciada pela cgu eles resolvem fazer o processo de (.) advogado de defesa (.) NÃO
 20 a cgu não é advogado de defesa de ninguém (.) a cgu é- ela foi criada para ser um
 21 órgão de fiscalização e controle para buscar indícios para só (.) analisar e concluir
 22 quando tiver certeza o inquérito não foi terminado (.) eu não vou aqui me delongar
 23 mais (,) peço desculpas (,) como eu já disse amanhã eu entro muda e saio calada e na
 24 mesma forma na quinta-feira mas aqui fica aqui- >não (,) essa é uma promessa que eu
 25 vou cumprir< [é:::.....]
- 26 Ind: [não não]
- 27 Sim: mas fica aqui- só [assim é é o o relator]
- 28 Ran: [não apoiado e não aceito]
- 29 Sim: o o relator (.) lembrou aqui
 30 um grande:: é:: escritor nordestino (,) e um grande personagem conhecido por todos
 31 nós de nome fabiano eu confesso que sentia muita dó da cadelinha de nome baleia
 32 mas eu quero dizer assim que só- esse episódio de hoje me lembrou um pouco que
 33 nós já tivemos um procurador geral da república engavetador também né ? e agora
 34 nós temos um- um controlador geral da união que::: também passa pa:::no deixa as

¹¹ Os Excertos 1 e 2 são partes da transcrição do vídeo postado no *YouTube* e foram realizados conforme os símbolos de transcrição de Jefferson (2004). Como não se trata da parte inicial da transcrição, inicia-se na linha 18.

35 coisas aconteceram (.) eu só fico imaginando o que vai fazer esse inquérito prévio aí
36 (.) e se realmente vai investigar e apurar quem SÃO os servidores públicos omissos e
37 que esconderam o contrato da covaxin o te- tempo todo de cada um de nós e da
38 população brasileira

A argumentação da senadora gira em torno da tese de que a CGU favoreceu o investigado, ou seja, o Governo Federal. Percebe-se que, na linha 19, a parlamentar já indica ataque à face da CGU quando categoriza o órgão como "advogados de defesa", indicando que o ministro lidera um grupo que, em vez de investigar cumprindo o seu papel, favorece investigados. Nota-se aqui, no entanto, que a crítica é direcionada ao órgão, e não apenas à figura individual do ministro, pelo menos no nível da superfície do texto, haja vista o uso do sujeito indefinido na linha 19, por meio do uso do verbo "resolver".

Em relação à discussão sobre as bases que influenciam a avaliação da impolidez (SPENCER-OATEY, 2005; CULPEPER, 2011), verifica-se que, nesse primeiro momento, Tebet procura atingir a face de identidade social do ministro, porque direciona a ofensa à sua categoria como pertencente à CGU. No entanto, a partir da linha 27, a Senadora Simone emprega insultos e pressuposições desagradáveis que atingem mais diretamente a face qualitativa do ministro e direciona-se especificamente à sua figura individual.

Entre as linhas 27 e 31, a senadora cita Fabiano, um personagem do romance "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, e compara o Ministro Wagner Rosário ao personagem. Essa analogia faz referência à fala do relator da CPI, o Senador Renan Calheiros, que, nesta mesma sessão mais cedo, foi o primeiro a comparar o ministro a Fabiano, caracterizando-o como subserviente aos seus padrões. Assim, essa foi uma maneira de dizer, por meio de uma implicatura, que Rosário é subserviente à presidência da república, portanto uma pressuposição desagradável (CULPEPER, 2011) para atingir a face qualitativa (SPENCER-OATEY, 2005) do ministro. Outra fórmula convencionalizada empregada foi o insulto (afirmações negativas personalizadas) na linha 33, quando a senadora afirma que Rosário é um engavetador.

Dessa maneira, a senadora pretende ofender o ministro de duas maneiras: primeiramente, desqualificando sua face de identidade social, ao atacar o órgão a que ele pertence, e posteriormente atacando sua face qualitativa, uma vez que coloca em questionamento a sua honestidade e autonomia, ao compará-lo com a subserviência do personagem de Ramos e ao insultá-lo de engavetador.

Percebe-se também que a argumentação de Tebet encontra apoio na fala de outros de seus colegas senadores, por meio de referência a Calheiros. Nota-se, além disso, a colaboração do Senador Randolfo Rodrigues, que, na linha 28, afirma não apoiar a atitude da senadora em ficar calada em plenário. Deste modo, entendemos que a fala da senadora reverbera a opinião de um grupo de parlamentares que também se sentem representados pelos comentários de Tebet.

Após a finalização do turno da senadora, a fala foi passada ao investigado, o Ministro Wagner Rosário. Em face das provocações da parlamentar e de outros senadores, a intervenção do ministro pode ser considerada igualmente agressiva. Porém, o seu comportamento foi avaliado não apenas como impolido, rude, agressivo etc. Houve por parte dos participantes, no evento em si, bem como por órgãos de imprensa, a avaliação de sua atitude como machista. O Excerto 2 representa a resposta do ministro à fala da senadora.

Excerto 2

41 Wag: bem senadora como todo respeito a senhora (.) eu recomendo que a senhora lesse
42 TUDO de novo porque a senhora falou uma série de inverdades aqui=

- 43 Sim: =não faça isso a senhora- o senhor pode dizer que eu falei inverdades mas não me
 44 peça para [fazer] algo porque eu sou senadora da república
- 45 Wag: [releia]
- 46 Wag: [a senhora me chamou de engavetador me chamou do que quis agora-]
- 47 Sim: [vossa excelência pode dizer]
- 48 Sim: [pela ordem seu presidente pela ordem seu presidente]
 49 ((várias falas incompreensíveis longe do microfone))
- 50 Sim: [O MINISTRO PODE DIZER] que eu disse inverdades
- 51 Ind: [senadora pera aí]
- 52 Sim: [MAS ELE NÃO PODE DIZER] que eu devo lesgi- ler de novo todo processo
- 53 Mar: [mas chamar mas chamar]
- 54 Sim: [NÃO É MEU PAPEL LER O CONTRATO DA COVAXIN]
- 55 Mar: [mas chamar mas chamar o ministro de]
- 56 Sim: [É O PAPEL DE VOSSA EXCELÊNCIA E VOSSA EXCELÊNCIA NÃO FEZ]
 57 Mar: [de engavetador não é hone- >não é correto<]
- 58 Ott: [todo clima todo clima tá exaltado]
- 59 Mar: [não pode não pode chamar] o ministro de engavetador
- 60 Sim: [mas é que ele está se comportando como um menino mimado]
- 61 Ott: [isso não é um coordenador isso é um moleque um moleque de] recado
 62 ((falas simultâneas incompreensíveis))
- 63 Wag: não me chama de menino mimado eu não lhe agredi (.)a senhora tá totalmente
 64 descontrolada (,) me atacando
- 65 Oma: não não não
- 66 Ind: [EPA::: você tá descontrolando aí:::]
- 67 Sim: [ALTO LÁ ALTO LÁ]
- 68 Ind: [rapa:::z oh rapa:::z]
- 69 Ran: [VOCÊ ESTÁ SENDO MACHISTA] seja machista não((dedo em riste))
- 70 Ott: [você tá pensando que tá onde?]
- 71 Ran: [SEJA MACHISTA AQUI NÃO]
- 72 ((vários parlamentares gritam a palavra machista))
- 73 Oma: [desculpa]
- 74 Ran: [NÃO SEJA MACHISTA TÁ PENSANDO QUE TÁ ONDE?]
- 75 Ott: esse moleque não tá aí por mérito tá aí por favor de bolsonaro
- 76 Wag: a senhora está me acusando de uma coisa [((inaudível))]
 77 Sim: [senhor presidente]>se ele continuar
 78 assim eu peço que suspenda a sessão e ele não tenha direito de resposta<

A interação durante essa sessão da CPI, em nenhum momento, pode ser percebida como calma e sem conflitos, há predominância do *rapport* desafiador (SPENCER-OATEY, 2005). O próprio contexto social mais amplo já nos traz a informação de que conflitos são relativamente esperados em fala-em-interação como essas. No entanto, o contexto situado mostra que a exaltação se intensificou neste momento.

Percebe-se, durante o Excerto 2, que há diversas marcas de conflito, como, por exemplo, as disputas pelos turnos representadas por trechos relativamente longos de falas sobrepostas, a partir da linha 46, vários enunciados com aumento de volume, linhas 50, 52, 54 e 56, e insultos, como a afirmação negativa personalizada, linha 60, e vocativos negativos personalizados, linha 61. No entanto, saltaram aos olhos o insulto (afirmação negativa personalizada) presente na linha 64: “a senhora tá totalmente descontrolada”.

Analisando a relevância sequencial desse insulto, percebe-se que ele trouxe consequências acentuadas para a fala-em-interação. Primeiramente, nota-se uma reação generalizada de diversos parlamentares, sendo ilustrada pelas falas simultâneas na linha 72, e as reações dos demais senadores nas linhas que seguem. Posteriormente, houve a interrupção das atividades da CPI por 5 minutos.

Cabe então aqui analisar os impactos à fala-em-interação sob análise trazidos pelo insulto proferido pelo ministro da CGU na linha 64. Conforme orientam Culpeper e Hardaker (2017), a impolidez deve ser analisada a partir da análise do texto, co-texto e contexto, levando-se em consideração que os insultos não podem ser tratados isoladamente. Para compreender os efeitos provocados por esse insulto, é necessário traçar linhas dialógicas entre o discurso do ministro e outros discursos ativados pela compreensão responsiva e ativa (VOLÓCHINOV, 2018; BECKER; BARRETO FILHO, 2022) do insulto.

A fala de que uma mulher é descontrolada cria elos com discursos históricos de cerceamento da fala da mulher, o que justifica a implicatura de que insulto “descontrolada” para uma mulher no senado pode ser avaliado como machismo. Barros e Busanello (2019), ao explorar o machismo discursivo no contexto parlamentar, identificam que a rotulação como loucas, históricas ou descontroladas é um tipo de machismo discursivo presente no contexto político.

Assim, para além da análise do sentido desse insulto proferido pelo Ministro Wagner do Rosário, na linha 64, no aqui e agora dessa fala-em-interação, é preciso reconstruir as relações desse enunciado com o contexto sócio-histórico, ou seja, o horizonte social mais amplo nas palavras de Volóchinov (2018). Villari (2001, p. 133) explica que Hipócrates, criador do termo, elegeu as palavras *globus hystericus* para nomear um problema de saúde principalmente associado ao corpo feminino. Nesse contexto, o útero aumentaria como um globo que poderia deslocar-se no corpo da mulher trazendo diversos problemas de saúde.

Mais à frente, no campo médico, no século XIX, houve o que se chama de invenção da histeria. O médico francês Charcot dedicou-se a descrever e diferenciar a enfermidade, a partir de sua experiência no hospital de Salpêtrière, em Paris (COSTA; LANG, 2016, p. 16). Esse hospital reuniu por uma época pessoas portadoras de doenças mentais e principalmente pessoas marginalizadas pela sociedade. Lá Charcot revisitou a histeria, explorando os ataques histéricos de suas pacientes. No campo das artes plásticas, houve a representação desses estudos, especialmente pela série de pinturas, *Une leçon clinique à la Salpêtrière*, de André Brouillet de 1887. Vê-se, em uma dessas pinturas, uma mulher aparentemente desacordada, sem controle de si, ao lado de uma equipe médica à frente de um grupo de estudantes numa configuração de sala de aula. Essa imagem representa uma paciente tendo ataques de histeria em um anfiteatro onde Charcot ministrava suas famosas aulas às terças-feiras (DIDI-HUBERMAN, 2003 [1982]).

Foi, por meio do contato com Charcot, que Freud desenvolveu seus estudos sobre a histeria, apresentando a psicanálise como uma ferramenta de tratamento para este problema. Embora a histeria não tenha sido categoricamente associada à mulher, Costa e Lang (2016, p. 117)

percebem que, sobre a histeria, "[...] algo sempre se repetiu ao longo da história: a vinculação que se atribuiu ao feminino". Os autores asseveram que essa associação foi formada ao longo da história desde de Hipócrates, passando pela Idade Média, pelos estudos de Charcot em Salpêtrière, até mesmo na própria psicanálise. Freud, por exemplo, em seu primeiro estudo sobre o tema explora apenas casos de mulheres.

Assim, a rotulação de mulheres como loucas, descontroladas e histéricas encontra raízes históricas num discurso de associação entre o feminino à histeria. Vê-se que o insulto do ministro à senadora ilustrou as conclusões de Barros e Busanello (2016) que apontaram essa rotulação como um tipo de interdição do discurso das mulheres no contexto parlamentar.

Assim, percebe-se que o insulto proferido por Rosário, na linha 64, provocou uma perturbação na sessão. Logo após o enunciado referido, houve aumento no tom das vozes dos interactantes, várias sequências de sobreposições de vozes e insultos cada vez mais agressivos de outros parlamentares ao ministro interrogado, dentre os quais “machista”, linhas 69, 71, 74, e “moleque”, linha 75. Além disso, a sessão da CPI foi logo suspensa em função da crítica acentuada do ministro e da reação dos parlamentares.

A análise do Excerto 2 revela que a rotulação da senadora como “descontrolada” provocou uma reação mais intensa do que outros insultos e críticas que ocorreram durante a sessão. Os insultos e acusações de machismo associados a outras manifestações de revolta levam a crer que o comportamento do ministro foi interpretado por alguns como um ataque não apenas à face qualitativa ou individual da senadora, mas sobretudo à face da identidade social de mulher a que a parlamentar se associa. Desse modo, a interpretação do comportamento do ministro é vista como ofensiva não apenas a um indivíduo especificamente, mas a uma identidade social que está associada a um grupo, as mulheres.

Essa interpretação só é possível graças ao dialogismo (VOLÓCHINOV, 2018) próprio da linguagem, pois a associação do signo ideológico “descontrolada” ao machismo decorre da ligação entre esse termo ao discurso histórico e médico que associa a mulher à histeria. Essa interpretação é sustentada por uma série de opiniões sobre essa fala-em-interação que demonstram a avaliação do enunciado de Rosário como impolido, inadequado socialmente e até mesmo violento.

Primeiramente, devemos observar o próprio *post* da CNN que traz o trecho da sessão da CPI que analisamos, pois o título do vídeo é “Ataque de Wagner do Rosário a Simone Tebet acaba em discussão na CPI da Pandemia”. Assim, a formulação da frase dá ênfase à ação de Rosário que é categorizada como um ataque, e a senadora da república é colocada como alvo, o que demonstra a avaliação de que a atitude de Rosário foi ofensiva e violenta.

Embora a reação dos senadores e alguns órgãos de imprensa tenham revelado a interpretação de que a fala de Rosário foi machista e socialmente inaceitável, o mesmo não ocorre com os comentários dos usuários da plataforma *YouTube*. Vejamos alguns no Excerto 3:

Excerto 3

- 1 Usuário 1: Essa descontrolada não ganha nem para síndica do prédio onde mora...
- 2 Mostrou a todo o povo brasileiro o ser caráter e sua baixeza na cpi-do-circo. Morreu
- 3 politicamente. Não adianta deletar estas postagem que dizem a verdade porque vou
- 4 repetir, então, diversas vezes nestes vídeos inúteis e mentirosos! Morreupoliticamente!!

- 5 Usuário 2: 'Ele pode dizer que eu disse inverdades..mas não me mande ler de novo'
- 6 manoo que ofensa mandou ela ler de novooo velhoooo imagina se ele fala que ela disse
- 7 mentiras.....

- 8 Usuário 3: O Sr. Wagner Rosário deu uma "patada" clássica e oportuna em cima da
9 senadora Simone: "a senhora está totalmente descontrolada." Com todo o respeito a ela,
10 e sobretudo, ao povo sul-matogrossense do qual tenho muita estima e respeito (tenho
11 uma tia minha lá do Pernambuco que mora em Campo Grande há anos), sem chance
12 de chegar a presidência da República.
- 13 Usuário 4: Vc pensa num covio de imbecilidade, olhe para o congresso!!! O congresso
14 tem núcleo psiquiátrico???Essa senadora vive de holofote por causa dos
15 ESCANDALOS que causa!!! O
- 16 Usuário 5: As barraqueiras da câmara federal estão ensinando as baixarias pras senadoras
17 pelo jeito aprenderam rápido e com ajuda do coronel sabe tudo Ottodescontrolado,
18 gazela, drácula, Alessandro Aracaju, estamos só com políticos imorais sem respeito
19

Os cinco usuários acima exemplificam alguns dos diversos comentários do vídeo que somam, até a data de escrita do trabalho, 5.017 no total. Os comentários são um gênero discursivo (BAKHTIN, 2000) comum nos sites de redes sociais e revelam a participação mais direta da audiência na fala-em-interação da CPI, o que se torna importante para demonstrar o processo de compreensão ativa e as diversas avaliações sobre os comportamentos presentes no vídeo. Assim, podem-se encontrar comentários meta-pragmáticos, os quais apresentam análises da linguagem utilizada no vídeo da postagem.

O comentário do usuário 1 demonstra aprovação da fala do ministro, por meio da repetição do mesmo insulto “descontrolada”, na linha 1. Além disso, continua a desqualificação da fala da senadora, ao classificá-la como baixa, e da dos demais senadores, ao rotular a CPI como “cpi-do-circo” na linha 3. O usuário 2 também parece avaliar negativamente a fala da senadora ao fazer um comentário negativo ao discurso direto citado.

A fala do usuário 3, por sua vez, avalia a fala do Ministro Wagner do Rosário como agressiva, ao rotulá-la como uma “patada”. No entanto, essa agressividade não é classificada como um ato reprovável socialmente. Pelo contrário, o usuário utiliza os adjetivos "clássica" e “oportuna”, linha 9, para justificar a adequação do comportamento do ministro, mesmo que tendo sido agressivo. Esse dado ilustra a necessidade de não ter uma visão maniqueísta e reduzida das avaliações da impolidez, pois, os sujeitos, embora percebam a agressão e a violência, nem sempre as interpretam de forma negativa. Haugh (2010, p. 26) destacou que as avaliações da impolidez são variáveis tanto no que diz respeito à percepção do que o falante profere, de como o ouvinte recebe o discurso e ainda do grau de quão impolido um discurso possa parecer. Embora estivessem focando em momentos diferentes da fala de Rosário, o usuário 2 demonstra não aceitar que o ministro tenha sequer sido ofensivo com a senadora, já o comentário do usuário 3 reconhece a agressividade, mas não a categoriza como inadequada socialmente.

O comentário do usuário 3 ilustra, dessa maneira, que nem sempre a agressividade é vista ou avaliada de maneira negativa. Pelo contrário, a “patada” de Rosário é justificada como uma reação esperada à reação da senadora. Assim, segundo a visão do usuário 3, o comportamento reconhecidamente agressivo do ministro não provocou o machismo alegado pelos senadores da CPI.

Os comentários dos usuários 4 e 5 utilizam fórmulas convencionalizadas de impolidez a fim de desqualificar o discurso da Senadora Tebet, bem como dos demais senadores. Os insultos giram em torno da desqualificação intelectual, com o insulto “covio (sic) de imbecilidade”, na linha 15, e com o desafio desagradável da linha 16, no comentário do usuário 4. O usuário 5 utiliza insultos direcionados às identidades sociais das parlamentares mulheres brasileiras, haja vista o uso do gênero feminino em “barraqueiras”. A agressão às identidades sociais das mulheres não se acaba

no insulto às políticas brasileiras, pois o senador Otto Alencar é também atacado por um insulto de teor sexual: "gazela", linha 20. Dessa maneira, o comentário do usuário 5 demonstra não se importar com a acusação de machismo feita na CPI, porque não a considera e até mesmo debocha da condição feminina.

A análise dos dados - tanto da fala-em-interação quanto dos comentários sobre ela no *YouTube* - demonstram a avaliatividade (EELLEN, 2001), uma das características da (im)polidez. Percebe-se aqui que os comportamentos não têm uma interpretação única e inequívoca no que se refere à impolidez. Pelo contrário, as avaliações dos comportamentos dependem de um processo de compreensão ativa, em que são levados em consideração fatores ideológicos e sócio-históricos. De alguma maneira, as avaliações da impolidez, no caso dos senadores na fala-em-interação da sessão da CPI Covid, dependem da compreensão de que há relações dialógicas entre o insulto "descontrolada", proferido por Rosário, e um discurso tradicionalista de base médica e psiquiátrica que associa a histeria e o descontrole à figura da mulher. Além disso, o uso do insulto "descontrolada" a uma mulher que ocupa cargo político também mantém relações com vozes que até hoje silenciam a fala da mulher em plenário, conforme apontam a pesquisa de Barros e Busanello (2019). Por outro lado, os comentários dos usuários do *YouTube* trazidos para a análise parecem ignorar completamente essas relações dialógicas, ora exaltando a fala do ministro, ora minimizando o desconforto da senadora.

Considerações Finais

Os resultados da análise ilustram o nosso ponto de partida de que a avaliação da impolidez não é neutra nem condicionada apenas à análise de estratégias linguísticas. Conforme as perspectivas discursivas dos estudos da impolidez têm defendido nos últimos anos, a impolidez decorre de um processo avaliativo influenciado pela compreensão ativa dos discursos.

Assim, esse trabalho apresentou exemplos de avaliações diferentes do mesmo caso, e sustentou que a percepção do machismo depende de um processo de compreensão ativo que leva em consideração os discursos historicamente situados de cerceamento da atuação da mulher em espaços de poder, além da percepção pura e simples de um insulto. Na CPI, a atitude dos senadores demonstrou que, ao insultar uma mulher como "descontrolada", o ministro apreendeu, para seu discurso, valores concernentes a discursos do campo médico-psiquiátrico, que, historicamente, constituem-se de clichês e estereótipos vinculados às mulheres.

Por outro lado, alguns dos usuários que comentaram o vídeo do *YouTube* revelam a ignorância em relação ao machismo, por meio do silenciamento do discurso que historicamente estigmatiza as mulheres. Por isso, alguns usuários viram os comentários de Rosário como uma mera reação ao discurso impolido típico de uma CPI ou uma "patada clássica" sem cunho machista. Nossas análises apontam, portanto, para a necessidade de não dissociar o estudo da impolidez do contexto discursivo mais amplo a que ele pode se associar. Assim, há necessidade de mais pesquisas que coloquem em discussão a impolidez relacionada a ideologias opressoras como o machismo. Dessa maneira, é cada vez mais relevante revelar as bases que sustentam as avaliações dos discursos como impolidos.

Referências Bibliográficas

Agência Senado. O que é e como funciona uma CPI ? 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/15/o-que-e-e-como-funciona-uma-cpi>. Acesso em: 27 dez. 2021.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARRETO FILHO, R. R. *Avaliações da (im)polidez em interações no Facebook*. 2019. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32958>. Acesso em: 06 jun. 2022.
- BARRETO FILHO, R. R., NEVES, H., BARROS, K. S. M. Impolidez em textos on-line no Facebook: análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa. *Calidoscópico*, v. 17, p. 433-452, 2019. <https://doi.org/10.4013/cld.2019.173.02>
- BARRETO FILHO, R. R.; BARROS, K. S. M. Impolidez e Identidades em uma Interação no Facebook: uma abordagem sociodiscursiva. *LINGUAGEM EM (DIS)CURSO (ONLINE)*, v. 21, p. 135-136, 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-210108-3220>
- BARROS, A. T.; BUSANELLO, E. Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n253771>
- BECKER, M. L.; BARRETO FILHO, R. R. Compreensão. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. *Diálogos em Verbetes*. Coletânea Verbetes. noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. pp 37-42. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/dialogos-em-verbetes-coletanea-verbetes-nocoos-e-conceitos-da-teoria-dialogica-da-linguagem/> Acesso em: 18 fev. 2023.
- BROWN, P; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. New York: Cambridge University press, 1987.
- CHEN, S; BOUCHER, H. C; TAPIAS, M. P. The relational self revealed: integrative conceptualization and implications for interpersonal life. *Psychological Bulletin*, [S.L.], v. 132, n. 2, p. 151-179, 2006. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.132.2.151>.
- CNN Brasil. Ataque de Wagner Rosário a Simone Tebet acaba em discussão na CPI da Pandemia CNN 360. *YouTube*, 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dBus3wOM0K4&t=137> Acesso em: 27 dez. 2021.
- COSTA, D. S; LANG, C. E. Histeria ainda hoje, por quê? *Psicologia Usp*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 115-124, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140039>.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal Of Pragmatics*, [S.L.], v. 25, n. 01, p.349-367, 1996. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)
- CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offense*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- CULPEPER, J; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). *The Palgrave Handbook of Impoliteness*. [S.L.]: Palgrave, 2017, pp 199-226.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Invention of hysteria: Charcot and the Photographic iconography of the Salpêtrière*. London, England: The MIT Press, 2003.

- EELLEN, G. *A critique of politeness theory*. Manchester: St. Jerome, 2001.
- GOFFMAN, E. *Interactional Ritual*. New York: Anchor Books, 1967.
- GRICE, H. P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- HAUGH, M. When is an email really offensive?: Argumentativity and variability in evaluations of impoliteness. *Journal Of Politeness Research*. Language, Behaviour, Culture, [S.L.], v. 6, n. 1, p.7-31, jan. 2010. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2010.002>.
- JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. *Conversation Analysis: Studies from the first generation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. New York: Longman, 1983.
- O'DRISCOLL, J. Face and (Im)politeness. In: CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). *The Palgrave Handbook of Impoliteness*. [S.L.]: Palgrave, 2017, pp. 89-118.
- SPENCER-OATEY, H. Managing rapport in talk: Using rapport sensitive incidents to explore the motivational concerns underlying the management of relations. *Journal of Pragmatics*, [S.L.], v. 34 n. 5, pp. 529–545, jan 2002. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(01\)00039-X](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(01)00039-X)
- SPENCER-OATEY, H. (Im)Politeness, face and perceptions of rapport: Unpackaging their bases and interrelationships. *Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture* [S.L.], v.1, n. 1, pp. 95–119, jan 2005. <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.95>
- SPENCER-OATEY, H. Theories of identity and the analysis of face. *Journal Of Pragmatics*, [S.L.], v. 39, n. 4, p. 639-656, abr. 2007. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2006.12.004>.
- VILLARI, R. A. É possível uma história da histeria? *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 131-145, jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/24038>. Acesso em: 06 jun. 2022.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Submetido em 19/10/2022

Aceito em 17/02/2023